
O Papel Específico da Escola Pública na Transformação da Sociedade

Alexandre Sanches Ximenes*

José Carlos Libâneo
**Democratização
da Escola Pública:**

*A Pedagogia Crítico-Social
dos Conteúdos*

(8ª edição). São Paulo, Edições
Loyola, 1989, 149 págs.

Contrárias às pedagogias liberais que sustentavam a sociedade estratificada, não questionando a implicação dos determinantes sócio-estruturais da educação, aparecem os pedagogos progressistas, que iniciam um processo de lutas em favor da democratização da escola pública como meio de transformação dessa sociedade. Na década de 30 isso já começa: com a briga entre os escolanovistas e a educação tradicional católica. Duas décadas após, a rivalidade é entre escola pública e particular. Em 1960, iniciam-se os movimentos de educação popular e a pedagogia libertadora toma grande impulso nesse processo. E é, ultimamente, a partir de 1980, que um grupo de educadores e pedagogos, acreditando na possibilidade de a escola pública ser um instrumento de transformação social, propõe a pedagogia crítico-social dos conteúdos como capaz de contribuir para a emancipação das classes oprimidas. O livro que ora examinamos detalha e defende essa pedagogia.

Desse modo é que se entre as pedagogias progressistas há as que se des-

tacam pela valorização que dão à política e às formas de relações democráticas não-diretivas onde o diálogo professor-aluno é igualitário, chegando a se negar o valor específico da escola enquanto transmissora de conteúdos, pondo-a em função do progresso político, diversamente delas, e criticando-as em parte, aparece a pedagogia crítico-social. Esta, embora também progressista, percebe a não-diretividade como uma sutil forma de adestramento que leva a reivindicações sem conteúdo e que a escola pode e deve ser vista como "instância de difusão de conhecimentos e, como tal, como instrumento de luta das classes populares no processo de sua emancipação" (p. 119).

E então o livro (seleção de textos e artigos escritos em diferentes momentos), defendendo essa pedagogia, propõe que a principal contribuição da escola pública para a transformação da sociedade está na difusão dos conhecimentos socialmente elaborados, colocando-os nas mãos do povo como instrumento da sua própria emancipação.

Sendo isso defendido, decorrem daí várias manifestações na prática pedagógica, levando à identificação daquilo que o autor chama de um fazer pedagógico crítico.

Uma dessas manifestações é a valorização dos conteúdos, que, unidos aos métodos e criticamente elaborados e transmitidos, constituem a mensagem que a escola deve proporcionar aos alunos como instrumento de libertação: específica contribuição do processo pedagógico.

Outra manifestação é a concepção do aluno como sujeito cognoscente que tem uma realidade existencial com características psicológicas e socioculturais próprias e determinadas por condições sociais, de modo a que se lhe garanta o acesso à assimilação dos conteúdos a partir da sua prática social.

Outra, ainda — e fundamental — é a valorização do professor como profissional, na medida em que ele é o "prin-

*Graduando de Pedagogia — UNICAMP

principal fator de um meio escolar estimulante” (p. 106) — presença significativa para a criança, protagonista da adequação entre o conteúdo da mensagem e a assimilação do aluno, e mediação entre o indivíduo real e a sociedade estabelecida. Nesse ponto, portanto, o livro dá grande e especial destaque à formação desse profissional. Primeiramente servindo-se das disciplinas auxiliares (psicologia e sociologia), sem contudo escravizar-se por elas, isto é, sem cair em reducionismos, mas sim integrando esses dois aspectos entre si e com o especificamente pedagógico. E, depois, dando importância especial à didática do professor, querendo, diferentemente da visão que as outras correntes pedagógicas dão a ela, ser uma ciência que provê conhecimentos teóricos e práticos ao professor, a fim de que ele realize satisfatoriamente o seu trabalho docente, reavaliando-o constantemente mediante a prática real da sala de aula (confronto entre diferentes experiências e transmissão dos conteúdos que desvelam as contradições sociais, numa situação de coletivo, de grupo numeroso).

Fala, ainda, o autor, de como a escola deve ser administrada e como devem ser aplicadas a orientação educacional e a psicologia educacional nessa pedagogia crítico-social, comparando com os diferentes modos de as outras pedagogias assumirem tais valores.

Trata-se de um livro altamente prático e, ao mesmo tempo, de uma crítica profunda, devendo ser estudado por todos aqueles que, ao lado do autor, ainda pensam a escola como espaço de transformação social.

De um modo especial, vale, ainda, indicar esse livro a todos aqueles que, seguindo mais modismos do que argumentos solidamente estruturados, dizem-se adeptos de pedagogias que, embora eles não o admitam, estão longe de serem libertadoras.

Aluno e Professora: Relações Humanas

**Nevinska Lucia
Saavedra Tomasich***

Lúcia Maria Teixeira Furlani
**Autoridade do Professor: Meta,
Mito ou Nada Disso?**
(2ª edição). São Paulo,
Cortez, 1990, 78 págs.

Lúcia Maria Furlani, mestre em Psicologia da Educação e coordenadora da Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, escreveu esse livro com o intuito de apresentar o relacionamento humano entre professor e aluno.

Na introdução do livro, a autora apresenta o atual quadro em que se encontra o professor, sua desvalorização e sua atuação como reprodutor dos desejos dos “tecnocratas” (p. 13). O professor acabou perdendo toda a sua importância social e política. Evidentemente, toda essa desvalorização é decorrente de uma crise política, que apresenta como principal objetivo a *manipulação do saber*.

Nesse livro, o poder é tratado como uma relação social necessária e seu exercício não implica numa repressão. A autoridade, segundo Furlani, é “um tipo especial de relação de poder, que se efetua numa instituição” (p. 19) e, como tal, não pode ser confundida com autoritarismo.

Basicamente, podemos encontrar três relações de autoridade: a relação hierárquica, a recusa dos modelos de autoridade e a competência profissional. Na relação hierárquica, o professor tem o papel de informador, controlador e classificador, não se preocupando com o processo de aprendizagem que o aluno deve percorrer: só lhe interessa o quanto este memorizou.

*Graduanda de Pedagogia — UNICAMP